

Transformar dívida em ações agrada ministro

4 ABR 1987 *Externa*

O ministro da Fazenda, Dilson Funaro, encarou ontem com naturalidade a intenção do Banco de Montreal — credor do Brasil em mais de US\$ 1 bilhão — de converter US\$ 100 milhões desta dívida em capital a ser aplicado no mercado de ações ou em ativos das empresas brasileiras. «Esta é uma forma de mostrar mais uma vez que há várias decisões no sentido de resolver a questão da dívida brasileira. O banco de Montreal mostrou que tem muito interesse em investir no País e este é mais um caminho a ser procurado», disse Funaro.

O ministro desconheceu que o Banco de Montreal não aceita qualquer proposta de renegociação com o Brasil que inclua dinheiro novo. Resaltou, porém, que os países devedores, como o Brasil, «não estão pedindo dinheiro novo», mas sim pretendem reescalonar parte dos juros de suas dívidas e que neste contexto existem vários caminhos como é o caso de canalização dos juros proposta por vários bancos europeus. «Um País como o Brasil que paga US\$ 24 bilhões e recebe de refinanciamento US\$ 2 bilhões não quer dinheiro novo».

Funaro considerou como «absolutamente normal» a colocação da dívida brasileira como não rentável por quatro bancos norte-americanos o

Mellon Bank Coporation, o Manufacturers Hanover, o J.P. Morgan e o Bankamerica Corporation. Disse que esta é uma técnica contábel e já era esperada pelo governo brasileiro.

Negociação

Antes de embarcar para Washington, onde acompanhará a reunião do comitê interino do Fundo Monetário Internacional (FMI), o ministro da Fazenda, Dilson Funaro, manterá contatos com vários empresários durante este final de semana em São Paulo. Durante os contatos, Funaro fará uma exposição sobre as linhas gerais que o governo adotou para a negociação da dívida externa. Aproveitará também para trocar idéias com o setor empresarial sobre os ajustes internos da economia em curto prazo.

O ministro, após o seu pronunciamento aos parlamentares do PMDB, na última quinta-feira, parte agora para o debate com os empresários sobre sua estratégia de renegociação da dívida externa e metas voltadas para o crescimento do País, no intuito de pisar em Washington com uma posição mais fortalecida em relação a duas semanas atrás, quando sofreu fortes pressões para deixar o governo, em decorrência do agravamento da crise econômica interna.